

ESTUDOS DA LÍNGUA CHIQUITANO DO BRASIL: TRAJETÓRIA E PERSPECTIVAS

Áurea Cavalcante Santana¹
Ema Marta Dunck-Cintra²

RESUMO: Este artigo versa sobre a trajetória e perspectivas dos estudos da língua Chiquitano do Brasil. São apresentadas reflexões sobre essa língua a partir do resultado de estudos fonético-fonológicos, sociolinguísticos e históricos comparativos, bem como a continuidade e desdobramentos destas pesquisas realizadas desde outubro de 2003 nas comunidades de Acorizal e Fazendinha, localizadas no município de Porto Esperidião, em Mato Grosso.

PALAVRAS-CHAVE: Língua indígena, Sociolinguística, Língua Chiquitano

STUDIES OF THE CHIQUITANO LANGUAGE IN BRASIL: TRAJECTORY AND PERSPECTIVES

ABSTRACT: This article is about the trajectory and perspectives of the studies of the Chiquitano language in Brazil. Some reflections about the Brazilian Chiquitano language are presented based on the result of phonetic-phonological, sociolinguistic and historical comparatives, as well as the continuity and development of research carried out since October 2003 in the Chiquitano communities of Acorizal and Fazendinha in the district of Porto Esperidião in Mato Grosso.

KEYWORDS: Indigenous Language, Sociolinguistics, Chiquitano Language

1 Mestre em Linguística pela UFG, doutoranda do Programa de Letras e Linguística da UFG. Bolsista de Apoio Técnico da FAPEMAT e professora da FUNAI, lotada na Administração Executiva Regional de Cuiabá, MT

2 Mestre em Linguística pela UFG. Técnica da SEDUC, MT - Coordenadora de Ensino Médio da Rede Estadual de Ensino.

Introdução

Os comentários e reflexões que apresentamos a seguir são resultados dos estudos linguísticos nas comunidades Chiquitano³, de Acorizal, e Fazendinha, município de Porto Esperidião, MT, iniciados, por Dunck-Cintra e Santana, em outubro de 2003, e as ações que se sucederam.

Como resultados das pesquisas de mestrado em Dunck-Cintra (2005), foi apresentado um estudo sociolinguístico com base na metodologia interpretativista, considerando os aspectos sócio-históricos e linguísticos desencadeadores do deslocamento linguístico vivenciado pelos Chiquitano, demonstrando o conflito de identidade linguística e territorial pelo qual passa o povo Chiquitano brasileiro. Em Santana (2005), foram apresentados o levantamento fonético e o inventário fonêmico preliminar da língua Chiquitano do Brasil. Foram feitos comentários preliminares sobre as diferenças no falar masculino e feminino e sobre os empréstimos linguísticos. Também foram comparados aspectos fonéticos, fonológicos e itens lexicais da língua Chiquitano do Brasil com aspectos linguísticos em publicações na Bolívia relatando similaridades e diferenças entre elas.

Em 2005, seguindo as observações de Greenberg (1987) e Adelaar (2005), iniciamos um estudo investigativo preliminar com o objetivo de identificar as similaridades da língua Chiquitano do Brasil com o Proto-Jê⁴. Nesta comparação foi identificada uma quantidade significativa de vocábulos semelhantes que apontaram para uma variedade considerável de reflexos de fonemas do Proto-Jê (SANTANA, 2006).

Atualmente continuamos os estudos linguísticos comparativos e estruturais da língua Chiquitano brasileira e mantemos com as comunidades de Acorizal, Fazendinha e, mais recentemente, com a de Vila Nova Barbecho discussões sobre as políticas linguísticas para aquelas comunidades.

3 A grafia dos nomes tribais no singular seguirá a convenção sugerida durante a 1ª. Reunião Brasileira de Antropologia, realizada no Rio de Janeiro, em 1953, cujo texto foi publicado na Revista de Antropologia, Local São Paulo, v. 2, n. 2, dez. 1954.

4 Trabalho integrado ao Projeto Comparativo Jê-Museu Antropológico – UFG.

1. Conta a história que...

Os grupos que originaram os Chiquitano viviam na região do *Gran Chaco*⁵ com suas práticas culturais e modos de sobrevivência próprios. Com a chegada dos colonizadores espanhóis, em meados do séc. XVI, os grupos indígenas se viram obrigados a constantes fugas para escapar dos “predadores” (caçadores de índios) que tentavam capturá-los para o trabalho forçado em regime de escravidão. A despeito disso, em menos de duas décadas de contato, já havia entre 40 a 60 mil índios escravizados em seu próprio território.

Diante da dificuldade de “entendimento” entre colonizadores e comunidade nativa, o governador da já formada cidade boliviana de *Santa Cruz de la Sierra* solicita, em meados de 1600, a ajuda dos jesuítas para “amansar os indígenas”. No decorrer de quase cem anos, foram criadas na Bolívia onze missões que contavam com 37 mil índios de etnias distintas.

Com a expulsão dos jesuítas da América, os Chiquitano passaram a trabalhar nas fazendas e, posteriormente, foram recrutados para a Guerra do Chaco (1932-1935). Desenvolveram tarefas em seringais, na construção da via férrea entre Santa Cruz e Corumbá e na recuperação do setor pecuário. Em 1959, com a proclamação da Reforma Agrária nas terras baixas do Oriente boliviano, os Chiquitano da Bolívia tiveram sua libertação da servidão nas instâncias. Os que estavam do “lado brasileiro” ainda permaneceram no regime de escravidão nas fazendas. Na Bolívia, hoje, habitam a região da *Gran Chiquitania* aproximadamente sessenta mil indígenas Chiquitano, o segundo povo em número depois do Guarani. No Brasil, segundo Moreira da Costa (2000), constituem uma população próxima de duas mil pessoas.

Os Chiquitano da Bolívia e do Brasil compartilham elementos da história e da cultura, mesmo com a linha divisória da fronteira sofrendo constantes modificações

⁵ Região que envolve, hoje, o pantanal boliviano e parte do pantanal brasileiro.

através dos vários tratados e limites entre Brasil e Bolívia. Muitos desses indígenas do lado brasileiro, especialmente os mais idosos, falam o espanhol, herança de um tempo em que a fronteira existia apenas no nome, pois o território tradicional dos Chiquitano ficava onde hoje é a divisa entre o Brasil e a Bolívia, e, em virtude da disputa entre as coroas portuguesa e espanhola, o povo que vivia mais à margem do seu território tradicional foi separado, ficando esta parcela menor no lado brasileiro.

No entanto alheios à separação política, os Chiquitano mantiveram seus laços de parentesco, de amizade e rituais (MOREIRA DA COSTA, 2000).

2. O povo Chiquitano brasileiro

No Brasil, em meados do séc. XVIII, a coroa portuguesa incentivou o povoamento da fronteira. Considerados mansos, moldados pelos jesuítas, os Chiquitano foram atraídos e utilizados como mão-de-obra nas fazendas. Trabalhando nas fazendas, ficaram por longas décadas longe das políticas públicas brasileiras, só retornando à cena recentemente em virtude de um estudo de impacto ambiental feito na ocasião da construção do gasoduto Brasil-Bolívia. Naquele contexto, o grupo de estudo⁶ que localizou as primeiras comunidades teve muita dificuldade para encontrar algum morador que assumisse a sua identidade étnica, o que somente foi possível depois de muito contato e diálogo (SILVA, 2001-2002).

Hoje os Chiquitano brasileiros fazem parte do grupo de indígenas contemporâneos que lutam pelo reconhecimento étnico. Quase que desconhecidos, fogem aos padrões exóticos, por isso são comumente identificados como “bolivianos”⁷ ou caboclos pantaneiros. Os antropólogos Silva e Moreira da Costa (2004), primeiros estudiosos desse povo no Brasil, afirmam que pertencem ao mesmo grupo Chiquitano da Bolívia, partilhando traços comuns como território⁸ e relações familiares com moradores de vilas bolivianas e

6 O grupo de estudo era composto de diversos técnicos, dentre eles um indigenista e um antropólogo.

7 Muitos brasileiros desconhecem que a população da Bolívia é majoritariamente de indígenas, o que reforça a ideia de que o índio brasileiro deva ser “diferente”.

8 Segundo Silva e Moreira da Costa (2004), “Seguramente há um território Chiquitano que antecede a divisão política entre os dois países e que continuou existindo apesar das definições mais recentes dos marcos políticos”.

de redutos missionários como *San Inácio*, *Sant'Anna*, *San Miguel* e outros.

Mais recentemente, após as publicações de alguns trabalhos acadêmicos⁹, é que o povo Chiquitano passou a figurar nas estatísticas e quadros demonstrativos dos Povos Indígenas Brasileiros. Segundo Moreira da Costa (2000), trinta e uma comunidades habitam a região fronteiriça de Mato Grosso com a Bolívia, somando cerca de 2000 indivíduos, excetuando-se os que vivem nas áreas urbanas.

Figura 1 – Localização do Território Chiquitano

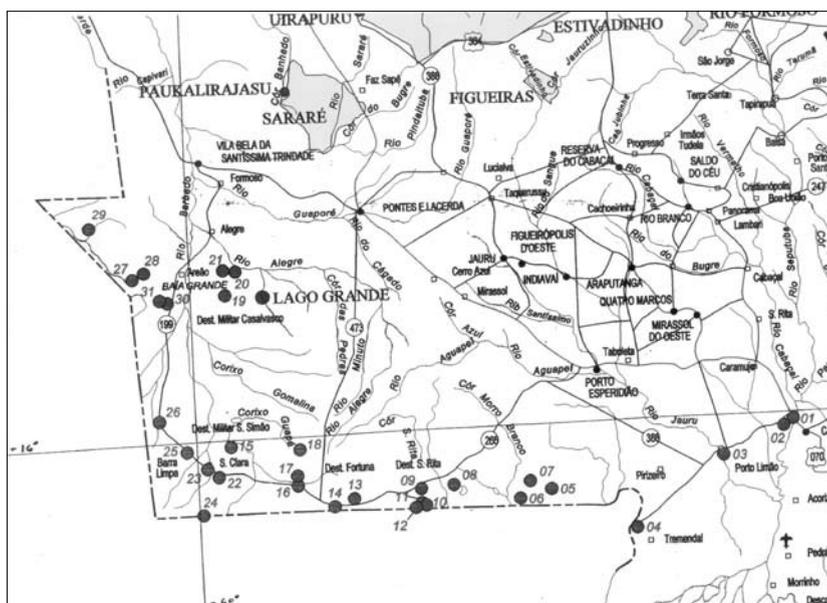
⁹ Estes foram os primeiros estudos sobre os Chiquitano brasileiros: MOREIRA DA COSTA, José E. O manto do encoberto: identidade e território entre os Chiquitano (MT), 2000. n. f. Monografia (Especialização em antropologia: teoria e métodos) – Departamento de Antropologia, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, MT, 2000; SILVA, Joana A. Fernandes. Territórios e fronteiras Brasil-Bolívia no país dos Chiquitanos. Revista do Museu Antropológico, Goiânia, v. 5-6, n. 1. p. 179-212, 2001-2002; DUNCK-CINTRA, Ema Marta. Vozes silenciadas – situação sociolinguística dos Chiquitano no Brasil - Acorizal e Fazendinha, MT. 2005, n. f. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, UFG, Goiânia, 2005; SANTANA, Cavalcante. Transnacionalidade linguística: a língua Chiquitano no Brasil. 2005, n. f. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás – UFG, Goiânia, 2005.



Fonte: Elaborado por Moreira da Costa, 2004

3. Localização das comunidades Chiquitano do Brasil

Mapa 1 – Localização atual das comunidades Chiquitano



Fonte: FUNAI, 2000.

Nas comunidades brasileiras Acorizal (13) e Fazendinha (14) onde foram iniciadas as pesquisas havia, na época, cerca de 270 pessoas, entre elas, 5 “conhecedores da língua”, e estes já idosos. Mostramos a seguir resultados das pesquisas linguísticas nas duas comunidades.

4. Estudos da língua Chiquitano do Brasil

4.1. Estudo sociolinguístico

O estudo sociolinguístico pautado nas tipologias de Edwards (1992), complementadas com as de Grenoble e Whaley (1998), empreendido por Dunck-Cintra (2005) em 2003, permitiu observar as relações externas sobre as comunidades e as consequências dessa interferência que desencadeou o deslocamento linguístico vivenciado pelos Chiquitano.

Conforme resultado da pesquisa de Dunck-Cintra (2005), pode-se ressaltar que foram muitos os fatores que provocaram um “esconder-se” do povo Chiquitano. Poderiam ser elencados: a morte de milhares de indígenas em

virtude do massacre colonizador, a ocupação e usurpação do território tradicional, a escravidão pelos colonizadores, a homogeneização da língua (conflito linguístico) nas missões, a cristianização e massacre cultural, o contato com aqueles que se apossaram de terras tradicionais daquele povo para plantar e criar gado e a varíola que também provocou a morte e a diminuição do grupo. Outro fator bastante intenso que provocou o deslocamento da língua étnica foi a escola, pois o ensino era feito na visão não-indígena e era ministrado por professores não-índios: o currículo, materiais didáticos, calendário, as imagens-mensagens veiculadas pela escola traziam as concepções político-doutrinárias da época. Também podem ser consideradas as atitudes preconceituosas e negativas da sociedade não-indígena em relação aos índios e a convivência com os militares do destacamento que aos poucos fizeram surgir um conflito declarado de poder fazendo com que os Chiquitano silenciassem e perdessem espaço tanto físico como social, entre tantos outros¹⁰. Portanto os colonizadores, a igreja, os fazendeiros, a instituição escolar, o Estado, através do destacamento e seus militares, colocaram as comunidades em situações degradantes, provocando o silenciamento da língua e das marcas da identidade étnica.

Todas essas influências provocaram o deslocamento da língua Chiquitano, pois instalaram um conflito linguístico fazendo com que os indivíduos tivessem uma atitude negativa em relação à língua, como demonstrado nos comentários: “Nós não gostava, porque muitos reparava, né, na gente, hã, hã. Falavam que se nós conversava assim, era feio, bugre, chamam de bugre, e daí foi deixando, foi deixando, nem as crianças, nem o velho conversa”. (Mikaela Surubi). “Porque entrô muita gente de fora, né. Entrô muita gente de fora e aí foi ficando envergonhado... e foi largando mão, né, de falar essa linguagem, porque achava feio, né, de falar essa língua, né” (Mariano Cesário Lopes). “Porque tem vergonha de ensiná, porque não queria mais falá” (Rosália Lopes).

O que se pode observar pelos relatos é que o “mundo dos Chiquitano” acaba não sendo vivido pelas comunidades, o

10 Esses aspectos todos estão explicitados em Dunck-Cintra (2005).

que os leva a reconhecer como sua cultura aquela que é imposta pela sociedade envolvente.

4.2. Situação sociolinguística dos Chiquitano

As ações de inter-relação assimétrica entre população nativa e população majoritária desencadeiam uma des-territorialização do espaço físico e também a ocupação do espaço sociocultural próprio. Isso é perceptível na situação sociolinguística das comunidades Chiquitano de Fazendinha e Acorizal, através do silenciamento da língua e cultura (DUNCK-CINTRA, 2005).

Em 2005, a análise dos resultados das entrevistas permitiu observar que somente 5 pessoas¹¹ acima de 60 anos sabiam essa língua, mas não a utilizavam em interação social. Portanto a análise dos resultados das entrevistas permitiu observar que a língua Chiquitano encontrava-se num alto grau de risco de extinção, pois permanecia apenas guardada na memória de alguns dos mais velhos.

Se naquele momento a língua Chiquitano pudesse ser ensinada na escola, somente os mais idosos seriam favoráveis à proposta; jovens e adultos se mostraram relutantes, o que pode ser compreendido pelo desprestígio que é conferido às línguas indígenas pela sociedade majoritária. Em nenhum momento, durante as entrevistas iniciais para a pesquisa do mestrado, observou-se interação entre os falantes na língua Chiquitano. O que se pode conjecturar é que havia nas comunidades um tipo de bilinguismo que se denominou “bilinguismo de memória”¹² que incide entre alguns dos mais idosos.

Em Dunck-Cintra (2005), ao serem indagados se eram Chiquitano, as respostas permitiram identificar que em torno de 25% daqueles entre 12 e 27 anos se diziam Chiquitano; já aqueles entre 30 e 47 anos, 80% se diziam Chiquitano; e entre os mais idosos, aqueles acima de 60 anos, 88,8% se consideraram Chiquitano.

11 Hoje são 4, uma vez que faleceu um ancião “lembrador da língua Chiquitano”.

12 Faz-se necessário esclarecer que, se assim não considerarmos, estaremos ignorando que os mais idosos possuem uma segunda língua e, com isso, estaríamos eliminando o que resta da língua Chiquitano nas comunidades.

No entanto, na época, foi observado também que os Chiquitano foram confrontados por uma situação nova, pois deveriam romper esse silêncio em que se encontravam para fortalecer a possibilidade de ficar com seu espaço, marcar sua territorialidade. Eles haviam sido convocados para assinar um documento que dava a eles um mês de prazo para sair daquele lugar, havia um discurso instalado de que eles não eram índios, estavam nas terras pertencentes ao Exército Brasileiro (Terras da União) e eram considerados posseiros. “Porque o capitão passou por aqui apurando nós para, no prazo de trinta dias, sair daqui. Nós ficamos tudo apavorado, aonde nós vai?” (José Ramos).

Diante da situação intimidante, partiram para um contradiscurso, e uma das ações foi ensinar a língua Chiquitano, criando momentos para aprendê-la da maneira que lhes era possível passar palavras e nomes que ainda se encontravam na memória dos mais idosos (DUNCK-CINTRA, 2005) pelo filtro da língua¹³. Explicaram que “[...] os fazendeiros falam, até agora que nós não somos Chiquitano, porque não sabemos a língua, até agora não param de falar que nós não somos Chiquitano, que pra ser Chiquitano tem que ser na Bolívia, aqui não” (Luís Surubi). “Eles [os que sabiam a língua] tinham que começar a falar para ajudar o nosso povo aqui” (Roseane Caetano). O que estava em jogo não era apenas uma questão ligada à identidade e autenticidade, mas uma disputa por terras indígenas. Por isso o discurso que circulava de que ali não havia índios, apenas estrangeiros e imigrantes, era uma maneira própria de negar os direitos legítimos de quem é brasileiro e nacional (SILVA, 2008).

A atitude do povo das comunidades e as ações que incidiram a partir dali os fizeram se reunir e, para além do estudo da língua, interagiram, falaram de sua cultura, lembraram do passado, reconheceram-se como índios, o que lhes possibilitou fortalecer seu lugar de pertencimento, porque fizeram circular o sentido de ser índio, marcando aí sua territorialidade.

4.3. Estudo fonético-fonológico

13 É comum, na língua Chiquitano, o uso de uma africada retroflexa no final dos substantivos.

A língua do grupo conhecida como Chiquitano ou *bestro* foi utilizada por mais de sete décadas¹⁴ como língua franca pelos missionários religiosos, no processo de evangelização nas reduções jesuíticas fundadas na Chiquitania (RIESTER, 1986). Devido a essa diversidade e múltipla convivência, alguns estudiosos como Metraux (1948) mencionam que é difícil obter um quadro claro da afiliação linguística dos Chiquitano, bem como estabelecer a distribuição inicial dessa língua, ou seja, identificar o grupo principal. Atualmente alguns estudos linguísticos têm levantado hipóteses sobre a afiliação dessa língua, mas até o momento ela é considerada uma língua isolada.

Em Santana (2005), foi apresentado o levantamento fonológico e o inventário fonêmico preliminar, a partir de vocábulos coletados com os conhecedores da língua das comunidades brasileiras de Acorizal e Fazendinha.

A análise fonêmica inicial permitiu diferenciar, em princípio, 14 fonemas¹⁵ consonantais [p, t, k, ʔ, m, n, r, β, s, ʃ, h, tʃ] e 6 vocálicos [i, u, e, o, a].

Em todos os estudos apresentados sobre os Chiquitano na Bolívia, há referências ao falar masculino e feminino. Os estudos realizados no Brasil ainda não nos permitiram observar variações em suas formas mais complexas. Nos dados coletados em nossa pesquisa, as distinções nos registros da fala feminina e masculina foram observados em:

- Formas lexicais diferentes para os substantivos designativos de parentesco e designativos de partes do corpo.
Ex.: *´avó´* - /na'pae/ (F) /ki'aʃ/ (M)
´nariz´ - /nĩi/ (F) /ni'aʃ/ (M)
- Supressão do prefixo /no/, na fala feminina para alguns substantivos que se referem a nomes de animais. Ex.:
´ema´ - /paia'res / ʃ /nopaia'res / (M)
- Supressão de consoantes e sílabas, na fala masculina,

14 O contato dos jesuítas com os Chiquitano inicia-se no final do séc. XVII e vai até a expulsão dos jesuítas em 1767.

15 A glotal oclusiva [ʔ], as fricativas bilabial [β] e retroflexa [ʃ] ainda carecem de maiores observações, mas foram, em princípio, consideradas como fonemas distintos.

para o pronome, verbo, advérbio e substantivo referentes a elementos da natureza.

Ex.: ´falar´ - /saniti´ak/ (F) /aniti´ak/ (M)

Observando os quadros fonéticos, fonológicos e ortográficos descritos, percebemos uma grande similaridade entre o Chiquitano na Bolívia e o que descrevemos no Brasil. Como referência para levantamento dessas similaridades, utilizamos as descrições apresentadas por Krusie e Krusie (1975), Riestler (1986), Tormo (1992) e Castro, Jiménez e Olívio (2003). Ao comparar aspectos fonéticos e fonológicos, percebemos que os segmentos consonantais estavam similares em sua quase totalidade (SANTANA, 2005):

- as oclusivas [p t k], as nasais [m n], a vibrante [r] as fricativas [s ʃ], a oclusiva glotal [ʔ] a fricativa retroflexa [ɻ] e a africada alveopalatal [tʃ] foram mencionadas em todas as referências;
- a fricativa bilabial [β], a fricativa labiodental [v], a bilabial sonora [b], a fricativa alveolar [z], a fricativa glotal [h], a oclusiva velar [g], a aproximante alveolar [y] e a aproximante labiovelar [w] não foram mencionadas por todos os autores, e as referências apresentaram algumas divergências fonéticas e ou fonológicas.
- o que diz respeito às vogais, a similaridade é ainda maior. Foram apresentados em todas as referências seis fonemas vocálicos orais [i e a o u], com nasalização possível em [ĩ ê ã õ ù]. Encontramos apenas uma divergência em relação aos segmentos vocálicos [] e [ʌ]. Encontramos referências similares quanto ao apagamento, alongamento e duplicação de vogais.

Essas similaridades não permanecem apenas nos campos fonéticos e ou fonológicos, como foram demonstradas, elas foram observadas também no campo lexical. Num levantamento léxico-estatístico preliminar feito entre os itens lexicais que coletamos no Brasil e vocábulos publicados como glossários nas referências bibliográficas bolivianas, foram encontrados cerca de 70% de cognatos. Mais precisamente 66% de cognatos entre o Chiquitano brasileiro e

o falado na Província de Ñuflo de Chávez, região de Concepción, Lomerio, e 73% de similaridade entre o falado nas Províncias de Velasco, Chiquitos e Sandoval, regiões de San Ignacio e San Javierito.

Dentre os cognatos encontrados, a maioria consistiu, no universo extralinguístico, em palavras com forte componente semântico como os substantivos e adjetivos. Também encontramos cognatos para verbos e advérbios.

4.4. Estudos comparativos com o Proto-Jê

Seguindo as observações de Greenberg (1987) e Adelaar (2005), investigaram-se as similaridades da língua Chiquitano do Brasil com o Proto-Jê, buscando maiores evidências de correspondências com o Macro-Jê (SANTANA, 2006).

Greenberg (1987), baseado numa comparação etimológica com as formas do Proto-Jê, reconstruídas por Davis (1966), considerou haver evidências suficientes para incluir o Chiquitano em um dos 15 subgrupos do Macro-Jê.

Em trabalho recente¹⁶, Adelaar (2005), falando de “relações externas” com o Macro-Jê, menciona semelhanças morfológicas e lexicais do Chiquitano (dialeto de Lomerio, São Miguel, São Xavier) com o Jê e outras línguas Macro-Jê. Cita como similaridades: a distinção entre o vocabulário da fala feminina e masculina; traços característicos da língua com verbo inicial, preposições, ausência de caso, adjetivo posposto ao nome; paradigmas de referência pessoal, marcadores de posse inalienável. Apresenta ainda uma lista de cognatos com semelhanças lexicais com línguas Macro-Jê como Panará, Xicrin, Maxacali, Parkatêjê, Apinajê, Kainkang, Xavante, Bororo, Canela, Guató, entre outras.

Para comparação da língua Chiquitano com o Proto-Jê, foram utilizados os exemplos da lista de vocábulos da Dissertação de Mestrado de Santana (2005), atualizada e revisada em maio de 2006 e a lista do Proto-Jê reconstruída por Davis (1966).

Das 112 palavras da lista do Proto-Jê, notamos 18 casos de semelhanças com palavras Chiquitano, os quais

¹⁶ “Buscando as relações externas do Macro-Jê”, trabalho apresentado no IV Encontro Macro-Jê, realizado em Recife, PE – Brasil, em novembro de 2005.

apontaram para uma variedade considerável de reflexos de fonemas do Proto-Jê. Essas correspondências sonoras do Proto-Jê para o Chiquitano, segundo Santana (2006), são significativas, mas ainda consistem numa análise preliminar e carecem de maiores estudos e investigações, pois a formação múltipla e *sui generis* desse povo certamente imprimiu na língua características híbridas e multiculturais, o que justificaria a dificuldade de sua afiliação linguística.

4.5. Políticas linguísticas e ortografia

Embora houvesse o conflito de identidade linguística e territorial bastante presente no povo Chiquitano brasileiro, podem-se observar mudanças consideráveis nas atitudes dos membros das comunidades durante os estudos, pois passaram a vivificar atitudes positivas em relação ao resgate dessa língua: “[...] é a nossa língua, a língua dos nossos antepassados” (José Ramos); “[...] gostaria que meus netos aprendessem” (Rosália Lopes); “[...] eu também gostaria de aprender” (Maria Arlene Justiniano).

As comunidades estavam despertando do silêncio em que se encontravam e era o momento de pensar em criar uma política educacional de vitalidade linguística e cultural que atendesse às necessidades das comunidades de Acorizal e Fazendinha, a qual poderia se estender às outras comunidades Chiquitano do Brasil. Assim, com o intento de um programa maior de revitalização linguística e uma possível inserção da língua Chiquitano como 2^a. língua, iniciamos atividades de socialização e discussão sobre as funções dessa língua na comunidade (em especial na comunidade escolar) e, conseqüentemente, uma definição preliminar da ortografia para a escrita da língua Chiquitano no Brasil, visando à elaboração de dicionários, livros de cantos e rezas, cartilhas e materiais que possam atender a toda a comunidade.

As atividades realizadas envolveram toda a comunidade, principalmente professores e alunos. Questões como nacionalidade, ensino da segunda língua e similaridades linguísticas com as variedades dialetais presentes nas publicações bolivianas permearam as discussões para a primeira versão da ortografia para a língua Chiquitano no Brasil. A preocu-

pação inicial foi definir a representação dos sons diferentes do português de forma simples e, na medida do possível, acompanhar a representação da variedade boliviana.

Depois de estabelecida uma ortografia inicial/preliminar, foi solicitado então aos professores que “experimentassem” essa ortografia. Em outubro de 2007, em um encontro com os professores e algumas pessoas da comunidade, estes entenderam que deveriam utilizar apenas uma forma para [y e i], que seria (i) e a redução de um grafema para a grafia da retroflexa [ʂ], que passaria a ser grafada como (rch). Estabelecemos então uma segunda versão que, com essas alterações, ficou assim:

- a = a - tarupes (*cuia*)
- e / ε = e / é - pé'és (*fogo*)
- y / i = i - kupikinha (*menina*)
- o / = o / ó - novorórch (*lobo*)
- ɰ = u - tavaurch (*chicha*)
- u = u - masupakich (*surdo*)
- ʔ = ' - tama'a (um)
- h = h - héskonho (*rápido*)
- k = k - kiumaturch (*feio*)
- m = m - mastakama (*bonito*)
- n = n - napae (*avó*)
- ɲ = nh - nha'uma (*criança*)
- p = p - paravarch (*arara*)
- r = r - nosirurch (*córrego*)
- s = s - nosich (*servo*)
- t = t - nopetarch (*cágado*)
- β = v - tavorórch (*careca*)
- ʃ = ch - notuvarich (*rã*)
- tʃ = tch - tchapórch (*copo*)
- ts = ts - putsiorrch (*flor*)
- ʂ = rch - ta'arch (*chuva*)
- Os empréstimos: g, l, b, f, j=g, l, b, f, j (como em português).

5. O que se vê hoje...

Neste período de convivência, a organização e as ações dos membros das comunidades com relação ao processo de reconhecimento étnico têm tomado proporções muito interessantes. No contexto do silenciamento, fez-se necessário um processo de reconstrução identitária. As mudanças são muitas, considerando o curto período de tempo de reconhecimento pelas instituições públicas.

De um lado, os professores que ingressaram no **Proesi** – Programa de Educação Superior Indígena Intercultural da Universidade Estadual de Mato Grosso e no **Projeto Haiyô** – Magistério Intercultural. Estes, além da situação interna e local (convívio com fazendeiros e trabalhadores da região e demais cidades vizinhas), passaram repentina e diretamente a conviver no meio acadêmico e institucional.

Do outro, a reestruturação das famílias com o retorno dos filhos que estavam fora e que agora puderam voltar e construir novas casas, continuar trabalhando nas fazendas vizinhas ou se empregar nas novas atividades e oportunidades remuneradas surgidas dentro das próprias comunidades. Cargos de professor, coordenador, merendeira, outros empregos como auxiliares de enfermagem e vigilante são preenchidos por membros das comunidades.

Atualmente continuamos os estudos linguísticos comparativos e mantemos com aquelas comunidades discussões sobre as políticas linguísticas, envolvendo, como vimos, a definição de uma ortografia para a língua Chiquitano brasileira e sua inserção como 2^a. língua na escola e em outras atividades comunitárias. Em 2007 mais uma comunidade Chiquitano, a Vila Nova Barbecho, passou a participar conosco das atividades de estudos e pesquisas linguísticas.

Assim continuamos os encontros periódicos com os professores, quando foram realizadas realizando oficinas sobre a língua Chiquitano na escola: escrita, uso e funções, bem como orientações didático-pedagógicas para a inserção da língua em sala. Mas ainda há muito que fazer. É necessário pensar, com eles, em estratégias que contemplem as suas necessidades, para contraporem-se aos modelos da sociedade dominante.

Hoje já se veem crianças cantando na língua, encenando teatro, elaborando glossário, enfim, possibilidades de um mundo que outrora lhes foi negado, ser retomado por eles. Os cantos, as histórias contadas pelos mais velhos, a participação dos que se lembram da língua nas aulas (,) têm permitido trazer à tona um mundo identitário que não é mais o mesmo de seus antepassados, mas que traz em sua “reformulação” as marcas do povo Chiquitano.

Considerações finais

Os trabalhos acadêmicos desenvolvidos por linguistas, geógrafos, historiadores e antropólogos, juntamente com ações da Funai, Funasa, Igreja, entre outros, permitiram que as comunidades Chiquitano do Brasil começassem a pensar em ações na busca de atitudes para estudos da sua cultura e língua, fortalecendo a identidade étnica. São ações que têm contribuído para o reconhecimento do grupo indígena e ainda ajudado na valorização e autoestima do grupo Chiquitano brasileiro.

A condição de língua em alto risco de extinção torna as situações de pesquisa um pouco mais complexas; as relações interculturais devem ser observadas com mais cautela. Mas são essas mesmas condições que provocam um pensar urgente em políticas linguísticas para esse povo, as quais se tornam menos difíceis quando se percebe, hoje, uma grande diferença em relação às comunidades em 2003, pois há atitudes de valorização com relação à identidade e à língua étnica das comunidades de Acorizal e Fazendinha. É comum observar na escola “vestígios” da língua Chiquitano; ela está em cartazes, em atividades aplicadas pelos professores, nas brincadeiras dos alunos. Felizmente, o que se vê nesse povo, hoje, é uma atitude positiva em relação à língua.

Os Chiquitano do Brasil aos poucos estão se organizando e reclamando para si seu reconhecimento enquanto indígena brasileiro. Para tanto, estão se organizando através da retomada da língua, de cantos, de ritos e da demarcação de suas terras, a fim de deixar evidente aos interesses hegemônicos que eles não perderam e nem esqueceram o seu passado, e que este passado está presente, embora com

transformações. As comunidades de Acorizal, Fazendinha e Vila Nova Barbecho têm-se organizado, sobretudo, no espaço escolar, e ali tem sido o lugar para praticarem a língua, as danças, cantos e rezas. Isso mostra que eles estão se recusando a desaparecer ou a se identificar, como queriam os opressores, com a população regional. Os Chiquitano brasileiros conseguiram sobreviver fisicamente ao colonialismo e assumem, neste momento, a responsabilidade de reinventar o passado, reelaborando, culturalmente, muito do que lhes foi infligido e tomando parte nessa comunidade cultural, no seu pertencimento étnico.

Referências

ADELAAR, Willem. **Buscando as relações externas do Macro-Jê**. In: IV Encontro Macro-Jê. Comunicação Oral. Recife: NEI / UFPE / ANPOLL, nov., 2005.

CASTRO, Pablino Parapaino; JIMÉNEZ, Pedro Ipamo; OLÍVIO, Janneth. **Guia del Alfabeto Besuro**. La Paz, Bolívia: Viceministerio de Educación Escolarizada y Alternativa, Ministerio da Educación, 2003.

DAVIS, Irvine. Comparative Jê Phonology. **Estudos Linguísticos: Revista Brasileira de Linguística Teórica e Aplicada**, São Paulo, Local, v. 1, n. 2. p. 10-24. 1966.

_____. Some Macro-Jê Relationships. **International Journal of American Linguistics**, Local Chicago, USA, v. 34, n. 1. p. 42-47, jan. 1968.

DUNCK-CINTRA, Ema Marta. **Vozes silenciadas**. Situação sociolinguística dos Chiquitano no Brasil – Acorizal e Fazendinha, MT. 2005. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, UFG, Goiânia, 2005.

EDWARDS, John. Sociopolitical aspects of language maintenance and loss: towards a typology of minority language situations. In: FASE, Willem; JASPAERT, K.; KROON, S. (Eds.). **Maintenance and loss of minority languages**. Amsterdam: Benjamins, 1992. p. 37-54.

FUNAI. **Localização atual das comunidades Chiquitano**. Cuiabá, MT: FUNAI, 2000.

GREENBERG, Joseph H. **Language in the Americas**. Local Stanford: Stanford University Press, 1987.

GRENOBLE, Lenore A.; WHALEY, Lindsay J. (Eds.). **Endangered languages**. Language loss and community response (currents issues and future prospects). Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

KRUSIE, Martin; SOBRENOME KRUSIE, Dorothee. Phonology of Chiquitano. **Work papers of the Summer Institute of Linguistics 1972-1976 Riberalta, Beni – Bolívia**. s/d. (Fotocópia fornecida pelo SIL – Brasil). Beni, Bolívia: Riberalta, 1972-1976.

MÉTRAUX, Alfred. Tribes of eastern Bolivia and the Madeira Headwaters. In: STEWARD, Julian H. (Ed.). Handbook of South American Indians. Smithsonian Institution Bureau of American Ethnology. **Bulletin 143**, The tropical forest tribes, Washington: Government Printing Office, v. 3, p. 381-435. 1948.

MOREIRA DA COSTA, José E. **O manto do encoberto: identidade e território entre os Chiquitano (MT)**, 2000. n. f. Monografia (Especialização em Antropologia: Teoria e Métodos) – Departamento de Antropologia, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, MT, 2000.

_____. (Org.) **Mapa do roteiro da procissão de Santa Ana** – Fonte IGM – Bolívia, 1998. Elab. ONGA, 2004.

RIESTER, Jurgen. **Zúbaka – la Chiquitania: visión antropológica de una región em desarrollo**, Vocabulário Español-Chiquito y Chiquito-Español. Cochabamba, La Paz: Los Amigos del Libro, 1986. Tomo 1.

SANTANA, Áurea Cavalcante. **Transnacionalidade linguística: a língua Chiquitano no Brasil**. 2005. n. f. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás - UFG, Goiânia, 2005.

_____. Comparações preliminares entre a língua Chiquitano (Brasil-Bolívia) e o Proto-Jê. **52 ICA**. Sevilha, Espanha, jul. 2006.

SILVA, Joana A. Fernandes; MOREIRA DA COSTA, José Eduardo. Chiquitano. In: ISA – Instituto Socioambiental. **Povos indígenas do Brasil**. Disponível em: <<http://www.socioambiental.org/website/pib/epi/Chiquitano/print.htm>>. Acesso em: 16 fev. 2004.

SILVA, Joana A. Fernandes. Territórios e fronteiras Brasil-Bolívia no país dos Chiquitanos. **Revista do Museu Antropológico**, Goiânia, v. 5-6, n. 1, p. 179-212, 2001-2002.

_____. Identidades e conflito na fronteira: poderes locais e os Chiquitanos. **Mem. am.**, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, n.